

Corpos, prisioneiras e afetos nos testemunhos femininos da Shoah: Ruth Klüger, Simone Veil e Charlotte Delbo

Bodies, prisoners and affections in women's testimonies of the Shoah:
Ruth Klüger, Simone Veil e Charlotte Delbo

Ian Anderson Maximiano Costa¹ 

¹ Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

RESUMO

"[...] mulheres não tem passado". As palavras da sobrevivente Ruth Klüger (2005) apontam para uma lógica masculina hegemônica que guia o ato de testemunhar: é indecente para mulheres falarem sobre o outrora. Contudo, Klüger (2005), Delbo (2021) e Veil (2021) mostram que também possuem passados sobre a catástrofe (*Shoah*) e produziram suas memórias, exercem o papel de *superstes*. Em *Paisagens da memória*, *O alvorecer em Birkenau* e *Auschwitz e Depois*, respectivamente, os relatos dessas sobreviventes de Auschwitz permitem pensar como foi sobreviver aos campos a partir das representações e sensações femininas: sobre as ações de dessubjetivação mortíferas sobre seus *corpos-outros*; nos entregam uma paisagem crua do cotidiano no *Lager*, dos atritos, diferenciações e confluências entre prisioneiras políticas e prisioneiras judias. Por fim, os relatos também possibilitam perceber os afetos como construções de espaços de acolhimento para enfrentar o horror.

Palavras-chave: Testemunhos femininos; Shoah; Corpos; Prisioneiras; Zonas de acolhimento

ABSTRACT

"[...] women don't have a past". The words of survivor Ruth Klüger (2005) point to a hegemonic male logic that guides the act of witnessing: it is indecent for women to talk about the once. However, Klüger (2005), Delbo (2021) and Veil (2021) show that they also have pasts about the catastrophe (*Shoah*) and produced their memories, they play the role of *superstes*. In *Landscapes of memory*, *The dawn in Birkenau* and *Auschwitz and After*, respectively, the accounts of these Auschwitz survivors allow us to think about what it was like to survive the camps through women's representations and sensations: about the deadly desubjectivation actions on their bodies-others; they give us a raw landscape of daily life in the *Lager*, of the frictions, differentiations, and confluences between political prisoners and Jewish prisoners. Finally, the accounts also make it possible to perceive the affections as constructions of spaces of shelter to face the horror.

Keywords: Women's Testimonies; Shoah; Bodies; Prisoners; Reception Zones

[...] Considerai se isto é uma mulher,
Sem cabelos e sem nome
Sem mais força de recordar
Vazios os olhos e frio o ventre
Como uma rã no inverno.
Primo Levi
Yvonne Picard morreu
ela, que tinha seios tão bonitos.
Charlotte Delbo

Na literatura do campo de concentração e extermínio de Auschwitz predominam os testemunhos produzidos por homens. Já os relatos femininos parecem receber um tratamento lateral e periférico. Ruth Klüger (2005), uma sobrevivente, oferece uma justificativa para esse caráter subsidiário ou, em outros termos, para tal silenciamento: é indecoroso para uma mulher falar sobre assuntos “estritamente masculinos” como a guerra e o fascismo e, ainda mais, acrescento, testemunhar:

Também tenho o que contar, quer dizer, tenho histórias a contar caso alguém pergunte, mas só poucos o fazem. As guerras pertencem aos homens, e assim também as lembranças de guerra. Ainda mais o fascismo, mesmo que se tenha sido contra ou a favor: puro assunto para homens. Além disso: mulheres não têm passado. Ou não têm que ter algum. É indelicado, quase indecente (p. 13).

A memória e, por conseguinte, o testemunho são apanágios masculinos. “Mulheres não têm passado”. Em outra chave, Svetlana Aleksievitch (2016) em *A guerra não tem rosto de mulher* mostra como sobre o contexto da “Grande Guerra Patriótica”, como ficou conhecida a Segunda Guerra Mundial na União Soviética, pairam emudecimentos sobre os testemunhos das mulheres. As guerras e seus traumas são patrimônios masculinos:

Já aconteceram milhares de guerras – pequenas e grandes, famosas e desconhecidas. E o que se escreveu sobre elas é ainda mais numeroso. Mas...Foi escrito por homens e sobre homens, isso ficou claro na hora. Tudo o que sabemos da guerra conhecemos por uma “voz masculina”. Somos todos prisioneiros de representações e sensações “masculinas” da guerra. Das palavras “masculinas”. Já as mulheres estão caladas. Ninguém, além de mim, fazia perguntas para minha avó. Para minha mãe. Até as que estiveram no front estão caladas. Se de repente começam a lembrar, contam não a guerra “feminina”, mas a “masculina” (p. 12).

No limite, é negado às mulheres a rememoração dos seus mortos, o luto é impossibilitado, a reconstrução subjetiva possibilitada pelo testemunho é recusada, os outros não podem escutá-las. Klüger (2005) mostra como o Kadish, a oração aos mortos na tradição judaica, é proibida para as mulheres. Por isso, a sobrevivente não pode “prantear oficialmente os meus fantasmas” (p. 25), seu pai morto nos campos.

Contudo, os eventos traumáticos do século XX e, particularmente, a catástrofe (Shoah), são implacáveis e assertivos nas negações, as mulheres foram vítimas e sobreviventes dos campos, dos fascismos e dos autoritarismos de toda ordem. E ademais, foram “impertinentes” e ofereceram suas vozes. Klüger (2005), Delbo (2021) e Veil (2021) mostram que também possuem passados, produziram suas memórias, na dualidade entre testis e superstes na acepção latina do testemunho, exerceram o segundo, isto é, das sobreviventes que atravessaram a morte e podem, por isso, dizê-lo.

As mulheres podem não rezar o Kadish, mas não deixam de testemunhar. Constroem outros espaços para além dos oficiais, outras formas de falar, de sepultar seus mortos: “[...] não posso desprezar totalmente o Kadish caseiro das filhas, caseiro no sentido literal, ou seja, não aprendido nem invocado em uma sinagoga” (p. 37).

“Para cada um foi uma experiência única” (p.68). As experiências de morte nos campos de extermínio foram individuais, toda regra geral é precária e escapa das singularidades. Mas mesmo nesse espaço disforme e único, os testemunhos são atravessados por traços comuns: as impossibilidades, a separação entre nós e eles na volta, a culpa, o dever de memória.

Nessa perspectiva, os testemunhos femininos parecem ir além, abrem outras brechas: permitem pensar como foi sobreviver aos campos a partir das representações e sensações femininas, sobre as ações de dessubjetivação mortíferas sobre seus corpos-outros; o cotidiano nos campos, os atritos, diferenciações e confluências entre prisioneiras políticas e prisioneiras judias; e, por fim, sobre os afetos como construções de espaços de acolhimento para enfrentar o horror.

Os relatos de Klüger em *Paisagens da memória*, Simone Veil em *O alvorecer em Birkenau* e Charlotte Delbo em *Auschwitz e Depois* perpassam por esses temas. São testemunhos de três sobreviventes de Auschwitz: Ruth Klüger, uma judia vienense, foi deportada em 1942 para o campo de Theresienstadt, em 1944, aos doze anos, para Auschwitz-Birkenau e depois, em 1945, para Christianstadt. Simone Veil, uma judia francesa, foi presa pelo regime colaboracionista de Vichy nos campos de Drancy e deportada para Auschwitz-Birkenau em 1944 aos dezesseis anos e depois para uma série de campos, Brobek, Mauthausen, Bergen-Belsen; Charlotte Delbo, uma francesa membro da resistência comunista – os Maquis – também é presa pelo colaboracionismo de Petáin, deportada em 1943 para Auschwitz e em 1944 para o campo de Ravensbrück

*

O fio do testemunho e da escuta em *O alvorecer em Birkenau* é atado em Veil (2021) por meio do corpo, dos seus cabelos. David Teboul é o interlocutor, ou, terceira testemunha¹, que vai ao encontro a Simone Veil para ouvir seu relato sobre os campos, mas a sobrevivente não parece interessada em contá-lo. Num encontro, a desconfiança e a indecisão são dispersas pelo olhar. Teboul observa longamente a Veil. Essa, por sua vez, o questiona sobre o interesse que tinha por ela e o que tinha a dizer. A resposta de David é uma aproximação profunda ao outro e o estabelecimento de uma *zona de confiança* para que o testemunho ocorra:

¹ Gagnebin (2009) em “Memória, história, testemunho” propõe a constituição de uma “terceira testemunha” para além de testis e superstes: “[...] uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos, o histor de Heródoto, a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro [...]” (p.57).

Respondo: “Seu coque minha senhora”. Sinto-a abalada. Então ela me conta que em seu comboio nenhuma mulher teve a cabeça totalmente raspada e que isso lhe salvou a vida. Sem saber, eu havia tocado num ponto essencial de sua deportação.

Esse primeiro relato puxou todos os outros. A partir desse encontro, que durou cerca de três horas, uma intimidade se criou (Teboul apud Veil, 2021, p. 36)

No desembarque dos campos, toda uma lógica de terror foi colocada em prática. Os cães, os gritos, os socos, pontapés, as roupas, o desnudamento e os cabelos raspados tinham como objetivo extinguir qualquer possibilidade de revolta e entendimento. Nessas condições de desmoralização e desumanização extremas, não ter seus cabelos cortados representava manter em si um vestígio de humanidade.

Veil (2021) volta ao episódio do desembarque narrado por Teboul. Todas as mulheres foram confinadas num espaço fechado e desnudas. Seus cabelos deveriam ser cortados, mas a sobrevivente escapa por um golpe de sorte, inexplicável como todas as ações nesse *não-lugar*: “Quanto a mim, tive sorte, pois normalmente deviam tosar-nos o cabelo. Algumas mulheres à minha volta tiveram a cabeça raspada, eu não” (Veil, 2021, p. 77).

Esse resquício mínimo de vaidade reveladora de identidade, de seu reconhecimento como um “eu”, uma mulher, apesar da juventude, é ainda mais simbólico nas palavras da sobrevivente. No relato de Teboul, em terceira pessoa, Veil fala de todo um comboio que escapou da “tosa”. Já no seu testemunho em primeira pessoa, o poder desse gesto que “lhe salvou a vida” é potencializado, pois ao redor outras mulheres não tiveram essa sorte, sofreram esse “rito inicial” de ruína de si.

Contudo, outras vexações continuaram, como relata logo depois:

Mesmo assim, passaram-nos aparelho de barbear no corpo todo. Tatuaram-nos. Fecharam-nos num cômodo que parecia uma espécie de sauna. Ali ficamos horas, pretensamente para uma desinfecção. Ficamos sentadas em bancadas, nuas, expostas aos comentários das guardas,

que achavam uma muito magra, outra muito gorda, uma terceira mais ou menos bonita ou feia. Éramos como gado, apalpavam-nos, olhavam-nos, manipulavam-nos, sem poupar-nos nenhum comentário (p. 77).

O corpo não mais lhes pertencia. A nudez como uma manifestação estética modernista pode representar rompimento e escandalização, a construção de outros paradigmas. Nesse espaço exíguo, é o caminho para a desumanização desses corpos femininos. Como expressa Klüger (2005) em seu relato:

[...] a nudez imposta significa ao contrário, ou seja, a auto-alienação, a perda de identidade. Quem se despe porque quer, afirma: faço o que bem entendo; ou até mesmo: ora, dane-se. Um aumento da auto-estima. Quem é forçado a se expor nu, vai se perdendo aos poucos (p. 130).

Os corpos eram medidos, manipulados e ridicularizados. Expostos ao olhar perscrutador e cruel das guardas: “Éramos como gado”.

Charlotte Delbo (2021) em *Auschwitz e Depois* também mostra o efeito destrutivo sobre os corpos. Seu livro se constitui numa trilogia formada por *Nenhum de nós voltará* (1965), *Um conhecimento o inútil* (1970) e *Medida dos nossos dias* (1971). No primeiro volume acompanhamos as chamadas intermináveis, a sede alucinante, o trabalho exaustivo e, principalmente, as descaracterizações subjetivas. Mães são colocadas nuas diante dos seus filhos:

Minha mãe
era mãos um rosto
Puseram nossas mães nuas diante de nós
Aqui as mães já não são mães de seus filhos (p. 25).

Todo o livro de Delbo (2021) mescla o relato com a poesia. Como expressa Seligmann-Silva (2021): “Diferentemente da maioria dos testemunhos de campos nazistas, Charlotte cria uma linguagem que fica entre a narrativa dos fatos, a reflexão

sobre o sentido dessa experiência e o pensamento e expressão poéticos” (p. 441). O trecho não aponta para uma mãe específica, a de Charlotte, funciona como uma síntese constelatória de todas. O enclausuramento de corpos nus na chegada e depois possui um efeito desagregador, destrói as relações filiais, mães devem ser humilhadas e despojadas dessa condição na frente dos filhos. Mães deveriam ser mãos que apoiam e rostos de ternura e não corpos inumanos.

Logo mais à frente, ainda em *Nenhum de nós voltará* (1965), Delbo interpela retoricamente os homens, os prisioneiros políticos, que foram presos e fuzilados na chegada aos campos. A morte os havia livrado de ver o que tinham feito dos corpos de suas mulheres:

Ó vocês que lhes dizem adeus no limiar de uma prisão ou no limiar da morte na manhã devastada por longas vigílias fúnebres, felizes de vocês que não podem ver o que fizeram de suas mulheres, do peito que vocês ousaram tocar pela última vez no limiar da morte, dos seios de mulheres sempre tão macios, de maciez tão perturbadora para vocês que partiam para morrer – suas mulheres (p. 140).

Os homens puderam, com a morte, escapar, mas as mulheres tiveram que mirar as *gorgónas*: presenciar, sentir e testemunhar seus corpos femininos perderem sua forma. Seus seios outrora tão macios ressecarem. Suas “pernas nuas ressumando abscessos, perfumadas de feridas” (p. 141). A linguagem poética de Delbo expressa o cuidado com o corpo no processo de sua degradação.

Ruth Klüger (2005) em *Paisagens da memória* mostra, de um lado, a ação sobre os corpos das mulheres mais velhas: “O que dizia respeito ao corpo era muito menos natural para elas do que para os jovens e as crianças; sobretudo para a geração de minha avó que ainda nascera no século XIX, cheia de recato e pudor” (p. 111). Tudo era feito em público, todas as necessidades. Isso representava para essas mulheres, nascidas no século XIX, um corte na dignidade. Provocava constrangimento e vergonha. De outro lado, o corpo feminino é abordado a partir dos seus aspectos biológicos:

Estávamos tão subnutridas que nenhuma mulher menstruava, o que, por sua vez, com a falta de roupas íntimas, era uma vantagem. Pergunto-me, porém, se seria apenas a desnutrição. Convém aqui uma comparação com os animais? Mesmo mamíferos bem-nutridos no zoológico raramente dão crias. A reclusão é prejudicial, da mais inferior à mais elevada escala da evolução² (p. 136).

Situações extremas como guerras, os campos, os trabalhos forçados provocam mudanças corporais. A subnutrição dos corpos femininos faz com que processos internos naturais sejam interrompidos. Os corpos funcionam parcamente. Na perspectiva de Klüger (2005), esse *hiato corporal* é visto numa óptica positiva, num ambiente em que tudo falta, principalmente roupas íntimas. Na reclusão e na opressão, o corpo cria uma espécie de barreira de proteção interna.

Em outra perspectiva, ainda sobre os corpos femininos sob sevícia, Danielle Tega (2019) em *Tempos de dizer, tempos de escutar: testemunhos de mulheres no Brasil e na Argentina* analisa como nos relatos femininos sobre os efeitos das ditaduras no Cone-Sul seus corpos são especialmente vitimados, a tortura possui um caráter de gênero, ganha uma forte conotação sexual. Os corpos femininos são apropriados pelos torturadores, vistos como suas propriedades, são violados. Não bastasse isso, paira sobre as mulheres que sobreviveram uma dúvida dupla que não era aventada em relação aos homens:

Sobre quem sobreviveu, não pesava apenas a dúvida por eventualmente ter sido útil ao aparato repressivo como forma de resistência, mas sim a desconfiança de que havia contribuído com os algozes, passado informações aos torturadores, feito pactos com a repressão. *No caso das mulheres, essa suspeita é dupla, pois se questiona também sua sexualidade [...] (p. 180, grifos nossos).*

²Essa descrição biológica do corpo feminino também aparece nos relatos femininos na guerra em *A guerra não tem rosto de mulher*, como no testemunho de Aleksandra Semiónovna Popova, tenente da guarda: "Mas o trabalho de nossas meninas! Precisavam carregar na mão quatro bombas – são quatrocentos quilos – para a máquina. E era assim a noite toda – um avião decolava, outro pousava. O organismo se reorganiza a tal ponto que, por toda a guerra, não éramos mulheres. Não tínhamos coisas de mulher...Menstruação...Bem, você entende...E depois da guerra nem todas conseguiram ter filhos" (Aleksiévitch, 2016, p. 247).

Em outras palavras, por terem sobrevivido essas mulheres, provavelmente, foram violentadas sexualmente por seus verdugos. O gênero é novamente uma especificidade nos testemunhos femininos, utilizado pelos torturadores e, depois, na libertação, com seus corpos sendo motivo de suspeição e traição.

Em outra chave, essa dúvida perversa sobre os corpos femininos aparece nos relatos de Veil (2021) e Klüger (2005) após a volta dos campos. Essa “curiosidade” não levantada em relação aos homens desperta nas sobreviventes sentimentos de humilhação e incompreensão. Ao invés da acolhida, a indiscrição e a acusação.

Simone em sua volta a Paris, recebeu esse “choque” de um suposto amigo e em muitas outras ocasiões:

De volta a Paris, um amigo de quem eu gostava muito me disse, como se nada fosse: “Seguramente você foi violentada mais de uma vez...” Eu não deveria ter ficado afetada, arrasada com isso.

Certamente que nos campos houve violações de mulheres judias. De minha parte, isso não me aconteceu.

Aliás, estávamos protegidas pelo antissemitismo dos nazistas. Todo e qualquer contato com uma mulher judia lhes era proibido.

Mas depois da guerra fui profundamente humilhada pela curiosidade de que era objeto e por essa dúvida que lia nos olhares. *Esses olhares envenenaram minha volta.*

Vivenciei novamente essa suspeita bem mais tarde, ao participar de um debate com jovens judeus na Casa França-Israel. Um deles perguntou-me: “O que a senhora fez para voltar viva dos campos?” Como se me perguntassem quantas pessoas eu matara para proteger-me. Eu, que naquele dia não me sentia em forma, encontrei as palavras para dizer a eles o que pensava. Os que não tinham vontade de ouvir-me ouviram-me (p. 93, grifo nosso).

Ruth também é interpelada pelas mesmas dúvidas sobre seu corpo, uma espécie de morbidez obscena dos campos:

Algumas pessoas se aproximavam de mim com fantasias de bordel, querendo saber se eu fora estuprada. Eu respondia que não, mas que por pouco não tinham me matado, e lhes explicava o conceito de “profanação da raça”, pois acho interessante que um conceito maldoso pudesse servir de proteção abrangente, embora não absoluta, para mulheres judias. Quando se esvanecia o interesse, sabia-se que a pergunta íntima servira a um interesse falso. Pois existe uma pornografia dos campos de concentração, a ideia do poder absoluto sobre outros seres humanos desperta sentimentos voluptuosos (p. 210-211).

Os dois relatos revelam a *Rassenschande* alemã, a “profanação da raça”. Essa lei antissemita proibia relações entre arianos e judeus, tal envolvimento quando infringido era severamente penalizado. No entanto, o que salta aos olhos nos testemunhos é o espanto pelo próprio questionamento. Essa dúvida “envenena a volta”. Os olhares incriminadores. Essas mulheres não são recebidas como testemunhas, mas como corpos duvidosos, misteriosos, violados. O *espaço de escuta* que faz funcionar o dizer é vedado.

A singularidade de gênero marca os testemunhos de Veil e Klüger. A condição de sobrevivente que só pode ter sido atingida através de algum subterfúgio sexual é sugerida pela pergunta: “O que a senhora fez para voltar viva dos campos?”. Uma lógica hegemônica masculina guia o ato de testemunhar. A resposta de Ruth é notável, não foram violadas, mas isso não representava nenhum alívio, porque por pouco não tinha(m) sido morta(s). Essas indagações não serviam a nenhum interesse, somente estimulavam o constrangimento e a culpa nas vítimas. Exerciam uma função insensível e cruel que Klüger chama de abominável “pornografia dos campos de concentração”.

Os corpos nos relatos femininos da Shoah são atingidos duplamente: pela ação mortífera da desumanização dos campos e pela ação da dúvida perversa após Auschwitz. Os traumas são corporizados. Corpos envelhecidos. Corpos esqueléticos. Corpos das mães. Corpos suspeitos.

*

Nos campos, existe uma separação entre corpos: de um lado, prisioneiras políticas e, do outro, prisioneiras judias. As relações entre esses dois grupos são marcadas por tensões e aproximações. Segundo Veil (2021), as prisioneiras políticas eram mais velhas, suas matrículas possuíam números diferenciados e utilizavam um triângulo vermelho com “F” de Francês. Apesar de habitarem um mesmo espaço, as resistentes mantinham certa distância do destino das judias:

Foi para nós uma revelação. Estávamos aprendendo o que contrapunha os dois tipos de deportação. Compartilhávamos com ela apenas consequências, não a causa. Assim, muitos e muitas que estavam ali em razão de seu engajamento político, de suas convicções, de sua coragem consideravam que nada tinham em comum com os judeus deportados (p. 71).

Muitas resistentes tinham sido torturadas antes de serem deportadas e tiveram seus maridos e namorados fuzilados pela Gestapo. Isso criava uma fronteira entre aquelas que foram presas pelo que fizeram e aquelas que foram presas pelo que eram. Contudo, o mundo da resistência era multifacetado, essa fronteira era cruzada constantemente, também existiam resistentes judias. É com essas que Simone estabelece relações no campo de Bobrek: “Foi só mais tarde, em Bobrek, que me relacionei com duas judias resistentes” (p. 71).

Em Klüger (2005) essa relação é bem mais conflituosa, a separação é absoluta. A sobrevivente compartilhava um galpão em Auschwitz-Birkenau com um grupo de prisioneiras políticas. Essas eram em maior número e demonstravam uma animosidade em relação às judias: “[...] se vangloriavam pelo fato de os nazistas terem lhes colocado triângulos vermelhos sobre a roupa, e não triângulos amarelos como os nossos” (p. 124). A conclusão de Ruth, extremamente dura, era que não existia nenhuma diferença entre o modo como elas eram enxergadas pelos nazistas e pelas resistentes: “Para elas, no campo, importava apenas a própria sobrevivência, talvez ainda tivessem algum

sentimento pelas próprias companheiras, mas os judeus eram para elas também a coisa mais insignificante, um lixo, tal qual para os nazistas” (p.124).

Para Pollak (1989), os atritos criaram silêncios nas vítimas “não políticas”, que, por sua vez, “[...] reflete uma necessidade de fazer boa figura diante das representações dominantes que valorizam as vítimas da perseguição política mais que as outras” (p.13). Em outros dizeres, os testemunhos das militantes eram privilegiados em comparação aos das judias. Essas últimas tinham que carregar a culpa por não terem podido fazer mais

De outro lado, o testemunho de Charlotte, uma resistente, esboça um quadro de consciência das diferenças mais severas e precárias para as judias nos campos. Isso começava pela roupa simbólica e pelo corpo que as separavam das outras. As judias utilizavam trajes civis marcados por uma cruz de zarcão nas costas e tinham a cabeça “[...] raspada uma vez por mês; das outras, só na chegada, a não ser fortuitamente” (p. 174-175).

Em *Um conhecimento inútil* (1970), segundo volume da trilogia *Auschwitz e depois*, Delbo mostra duas situações de humanização impensáveis para as judias: na primeira, as resistentes francesas, as polonesas e as russas têm a oportunidade de realizar um Natal improvisado por meio de alimentos furtados; na segunda, o grupo de Charlotte realiza uma montagem teatral da peça *O doente imaginário* de Molière. Esses privilégios eram inimagináveis para as outras.

Entretanto, os espaços para confluências solidárias são grandes. Esther, uma judia bielorrussa, trabalha nos *Effekts* e oferece algumas provisões a Delbo. Mas, além disso, oferece a escuta: “Se uma noite eu voltar mais cedo e você não estiver muito cansada, podemos conversar um pouco” (Ibid., p. 176). Em *Medida dos nossos dias* (1971), é Charlotte, depois da volta, quem vai de encontro à amiga Ida, uma judia presa aos 14 anos, para escutar seu testemunho tocante. Elas se conheceram numa casa de repouso, “Hortensia”, para deportados na Suíça, em Mont-sur Lausanne. Em 1946, Delbo estava com a saúde fragilizada devido aos efeitos debilitantes do campo: a sede,

a fome, a atrofia, a exaustão. Tinha sido libertada em 1945. Por isso, foi internada nesse espaço de convalescência. Lá ela trava conhecimento e amizade com Ida Grinspan, ouve, como “terceira testemunha”, sua história. A judia tinha perdido toda sua família em Auschwitz, o pai e a mãe, e teve de enfrentar a deportação e os campos sozinha: “Eu tinha catorze anos e não o confessava. Queria ser considerada adulta” (Ibid., p. 359). Só assim, fazendo-se de adulta, pode sobreviver.

*

Primo Levi (2016) em *Os afogados e os sobreviventes* deu a denominação de *zona cinzenta* para o modo em que funcionavam os campos, toda separação estrita entre o “bem” e o “mal”, “nós” e “eles”, “amigo” e “inimigo” é subsumida por um espaço indecifrável, onde a razão é presa fácil num local em que não funcionava nenhuma coerência, os limites são imprecisos: “[...] o “nós” perdia seus limites, os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro” (p. 28).

Os prisioneiros entravam nos campos esperando receber alguma palavra de apoio, uma iniciação naquele espaço de horror, mas eram recebidos com pancadas, com olhares: o “novato” era visto com inveja “[...] porque parecia trazer ainda consigo o cheiro de sua casa [...]” (p. 29). Os companheiros de infortúnio logo se transformavam em rivais pela sobrevivência.

Nos testemunhos femininos, ao lado dessa *zona cinzenta* constitui-se uma *zona de acolhimento*. Para enfrentar esse espaço da indistinção criam-se laços de afeto, *locus* familiares em que um coletivo de mulheres se apoiam. Nas chamadas intermináveis, um ombro serve de amparo. Na fome, a repartição. Na dor, o conforto.

Charlotte Delbo (2021) foi deportada para Auschwitz num comboio formado pelas suas companheiras da resistência francesa, conhecido como “comboio dos 31 mil” em referência aos números de suas matrículas nos campos³. Das 230 resistentes, 49 sobreviveram. Esse companheirismo externo foi fundamental para a sobrevivência

³“Os números de matrícula que essas mulheres receberam no campo de concentração e extermínio iam de 31. 625 a 31.854: daí a denominação de ‘comboio dos 31 mil’” (Seligmann-Silva, 2021, p. 443).

interna: “Como ‘resistentes’ que estavam psicologicamente estruturadas para tentar derrotar o nazismo, elas souberam se apoiar mutuamente até o fim” (Seligmann-Silva, 2021, p. 442-443).

Toda a experiência de morte deve ser vivenciada de maneira coletiva, uma ao lado da outra. Em *Nenhum de nós voltará* (1965), Delbo se desespera ao se ver sozinha, estava cavando uma vala – um dos muitos trabalhos inúteis propícios para exaurimento dos corpos – junto com as companheiras quando uma Kapo chega e as leva. Partem a contragosto, mas deixem uma palavra de apoio: “Logo você vai se juntar a nós”. Isso não é suficiente para aplacar a angústia de Charlotte:

Fico sozinha no fundo daquela vala e sou tomada pelo desespero. A presença das outras, suas palavras tornavam possível o retorno. Elas vão embora e tenho medo. Não acredito no retorno quando estou sozinha. Com elas, já que parecem acreditar tanto, acredito também. Quando elas me deixam, tenho medo. Nenhuma de nós acredita no retorno quando está sozinha (p. 132).

Ficar sem as companheiras é se perder, a identidade é constituída no meio delas. Sozinha está sujeita à angústia e ao desespero. O coletivo de mulheres espanta o medo. O retorno é possível quando sua ideia é compartilhada. É um projeto grupal. Delbo acredita porque as outras também acreditam.

Em outro momento, um dos mais comovedores, a rede de solidariedade e apoio mútuo conforta e permite que as lágrimas brotem. Em mais um dia de trabalho extenuante, Delbo acreditava que suas forças tinham chegado ao fim: “Garanto que hoje não aguento mais. Desta vez é verdade” (p. 134). Lulu, uma das companheiras, entende a aflição e sabe como atenuá-la, compreende o que é necessário. Olha em volta, nenhuma Kapo vigiava, pega Charlotte pela mão e diz:

“Fique atrás de mim, para ninguém ver. Você vai poder chorar”. Fala em voz baixa, com timidez. Decerto é exatamente o que é preciso me dizer, pois obedeço à sua pressão delicada. Deixo cair minha ferramenta, fico

ali, apoiada no cabo e choro. Eu não queria chorar, mas as lágrimas afloram, me correm pelo rosto. Deixo-as correr e, quando uma lágrima me chega aos lábios, sinto o salgado e continuo chorando.

Lulu trabalha e fica à espreita. Às vezes ela se volta e, com a manga, me enxuga o rosto delicadamente. Choro. Não penso em mais nada, choro. Já não sei por que estou chorando quando Lulu me empurra: “Agora chega. Venha trabalhar. Ela chegou”. Com tanta bondade não me envergonho de ter chorado. É como se tivesse chorado no peito de minha mãe (p. 135).

A dor é compartilhada. Lulu parece entender a necessidade de Charlotte de minorar o esgotamento por meio do choro, mesmo que essa mesma não o queira. Mas as lágrimas despontam com facilidade banhando seu rosto, a mão que a conduziu para aquele lugar longe da vigilância autoritária da Kapo é aquela que delicadamente enxuga seu rosto. Lulu exerce o papel da mãe que protege: guarda Delbo dos olhares opressivos, ampara seu corpo combalido e sabe quando admoestar: “Agora chega. Venha trabalhar. Ela chegou”. O corpo de Lulu forma um escudo protetor, um microcosmo, onde, atrás dele, Charlotte pode chorar e não pensar “em mais nada”, o corpo da companheira oferece abrigo e proteção.

Segundo Seligmann-Silva (2021), essa sensibilidade nos relatos femininos dos campos é incomum nos testemunhos masculinos:

Dentre os testemunhos de Auschwitz, a maioria escrito por homens, este de Charlotte se destaca por ser escrito por uma mulher em meio a mulheres solidárias. Como vimos, esse clima de solidariedade e de mútuo apoio foi possível sobretudo porque essas mulheres eram em sua maioria militantes comunistas e lutavam contra a ocupação nazista quando foram presas. Esse espírito combativo e os laços de união, o cuidado entre elas, o contato corpóreo, os choros, todos esses elementos raramente aparecem nos testemunhos escritos por sobreviventes masculinos (p. 456).

Na terceira parte de *Auschwitz e depois, Medida dos nossos dias* (1971), essa força do companheirismo é ainda mais premente. O livro se centra no reencontro das resistentes após Auschwitz, vinte e cinco anos depois. Charlotte vai ao encontro das amigas para escutá-las sobre como foi voltar dos campos e reconstituir a vida. O livro forma uma, nas palavras de Seligmann-Silva (2021), “auto-hetero-escrita”, ou, uma “constelação de vozes”: a cada capítulo Charlotte, Gilberte, Mado, Poupette, Marie-Louise, Ida... testemunham. Por vezes, suas vozes se entrecruzam nos diálogos, indistinguíveis.

É uma volta incompleta: O trauma é onipresente. As sobreviventes não conseguiram sair de Auschwitz, não parece existir um *depois dos campos*. O esquecimento é impossível. Existe um muro intransponível entre o “nós” e o “eles”, os que foram e os que ficaram. A volta é marcada pela incompreensão e quando as companheiras já não mais estão, então, tudo perde o sentido. É assim que Gilberte se expressa: “Vocês já não estavam ao meu lado. De repente me faltava um membro, um órgão essencial. Eu não via nem ouvia mais nada. Uma impressão de naufrágio” (Delbo, 2021, p. 299).

Já para Mado sua família verdadeira não foi a que ficou: “Minha irmã de verdade é você. Minha família de verdade são vocês, quem estava lá comigo” (p. 319, grifo nosso). O “você” se refere à Charlotte, a interlocutora, a que escuta. Mado continua em seu relato: conseguiu voltar, se casar e ter um filho e esse representava a memória de todas: “Meu filho é filho de todas elas. É o filho que elas não tiveram” (p.323). Todas eram jovens mulheres “[...] que morreram sem conhecer aquilo, sem terem sido banhadas por aquela alegria” (p. 322). As companheiras não podem ser esquecidas. É dever de memória recordá-las, mesmo que seja por meio dos próprios filhos. Os laços de amizade cuidam das memórias.

Como vimos, o companheirismo em Charlotte estava relacionado aos vínculos que uniam essas mulheres desde a resistência à ocupação nazista na França. Entretanto, esses afetos não excluía as judias, como no caso de Ida. E nos relatos de Veil (2021) e Klüger (2005) são também os *liames familiares* que permitiram resistir ao caos. Simone mostra como ao lado da *zona cinzenta* de Levi (2016) estava a *zona de acolhimento*:

No campo, as pessoas eram capazes de cometer coisas totalmente monstruosas contra as outras, por exemplo, roubar sopa, o que em nossas condições de sobrevivência equivalia a um crime. Mas reinava também uma grande solidariedade, pelos menos nos grupos pequenos. Eu não empregaria o termo organização coletiva, porque a palavra "organização", no contexto do campo, soa de um modo particular demais. Mas vínculos estreitos se criavam, vínculos extraordinários que permitiram que as pessoas conservassem um certo senso moral e enfrentassem as piores situações. Nesse sentido, o campo punha à mostra o melhor e o pior (p. 63).

A separação entre essas zonas não era estrita, pois nos campos nada era absoluto. Contudo, foram esses vínculos que mantiveram muitas vivas, que humanizaram e possibilitaram a reconstituição de um espaço ético de alteridade no meio da aridez. Veil conheceu nos campos Marceline Loridan, por quem permaneceu "ligada a vida toda", mas foi sua mãe e sua irmã, todas três presas juntas, que lhe impulsionaram o resistir:

O vínculo familiar ajudou-me a resistir. Mesmo nos períodos mais difíceis, até março de 1945, permanecemos juntas. Em março de 1945 mamãe caiu gravemente doente. Até então não houvera uma só noite, um só dia em que não estivéssemos juntas. Mamãe mostrava uma coragem, uma moral formidáveis. Estava sempre pronta para nos animar, para nos dizer que íamos sobreviver, que tínhamos de sobreviver, que tínhamos de resistir (Veil, 2021, p. 74).

O estar juntas era o principal. A força para resistir deve ser realizada num esforço conjunto das irmãs e da mãe. Esta é de uma coragem e moral inabaláveis, acreditava na volta a todo o momento, exortava suas filhas mesmo quando seu corpo já não respondia.

Klüger também resistiu por meio dos vínculos familiares, foi internada junto com sua mãe e nos campos adotou uma "irmã de criação", Ditha. Juntas essas três criaram uma "pequena unidade familiar": "Como pequena unidade familiar, creio que talvez tenhamos salvado a vida umas das outras" (2005, p.140).

Os afetos não diminuem a perversidade do sistema, mas possibilitam enfrentar juntas ao compartilharem a dor. As “companheiras resistentes” em Delbo e os “pequenos grupos familiares” em Veil e Klüger ensejam o acolhimento e a resistência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Seligmann-Silva (2021, p. 441-442), o relato de Delbo possuiria duas funções, quais sejam: “testemunho-testamento”, o ato em si de legar a memória, narrar o inimaginável e o “testemunho-nós” como “tentativa de refazer um percurso religando as mulheres que estavam juntas nessa passagem pelo inferno”.

Essa segunda perspectiva pode ser expandida para se pensar os relatos de Veil (2021) e Klüger (2005). Seus testemunhos refazem as trajetórias de si mesmas e das outras, das suas palavras, seus gestos, seus corpos e seus afetos. Falam de si enquanto falam das outras ou ao inverso.

“Quem quer se aproximar do que aconteceu, com a mente e o coração, necessita de interpretações dos fatos. Os fatos, por si só, não bastam” (Klüger, 2005, p.116). Os relatos femininos realizam uma “outra interpretação dos fatos”, como foi viver e sobreviver a Auschwitz sendo uma mulher. Experimentar o trauma durante e após: terem seus corpos e suas vozes negadas e, ao mesmo, construírem espaços de abrigo.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Trad. Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

DELBO, Charlotte. **Auschwitz e depois**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2021.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Memória, história, testemunho”. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. 2 ed. São Paulo: Ed. 34, 2009. p.49-57.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da memória**: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. Trad. Irene Aron. São Paulo: Ed. 34, 2005.

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**. Trad. Luiz Sérgio Henriques. 3 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio". In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. "Habitar o "depois de Auschwitz": a trilogia do inferno de Charlotte Delbo". In: DELBO, Charlotte. **Auschwitz e depois**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Carambaia, 2021. p.436-460.

TEGA, Danielle. **Tempos de dizer, tempos de escutar**: testemunhos de mulheres no Brasil e na Argentina. São Paulo: Fapesp; Intermeios, 2019.

VEIL, Simone. **O alvorecer de Birkenau**. Trad. Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

Contribuição de autoria

1 - Ian Anderson Maximiano Costa

Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Estudo Literários

<https://orcid.org/0000-0002-5592-4345> • iananderson14@hotmail.com

Contribuição: Conceituação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição

Como citar este artigo

COSTA, I. A. M. Corpos, prisioneiras e afetos nos testemunhos femininos da *Shoah*: Ruth Klüger, Simone Veil e Charlotte Delbo. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 43, 2024. DOI: 10.5902/1679849X83217. Acesso em: dia mês abreviado ano.